

VERA CRUZ: A HERANÇA DE UM SONHO

por Carla Miucci Ferraresi

Falar sobre a herança da Vera Cruz hoje, passado meio século de sua fundação, nos obriga a lembrar as vicissitudes e as mazelas que propiciaram o surgimento e o desaparecimento dessa "fábrica dos sonhos" como bem definiu Maria Rita E. Galvão (1). Trata-se de refletir sobre o panorama econômico-cultural que serviu de contexto para que uma nova burguesia urbana paulista, empenhada em superar a vocação provinciana, fomentasse um sistema de produção cultural até certo ponto democratizante e liberal, e que se opunha aquela burguesia cafeeira para a qual a valorização da cultura tinha mera função aristocratizante.

Desde a década de 20, São Paulo passava por transformações de todas as naturezas: econômicas, sociais, administrativas e principalmente culturais. Seu semblante não era totalmente conhecido pois ainda se formava, apoiado, por um lado na influência do modelo civilizador e modernizador da Belle Époque européia – particularmente a francesa – e de outro numa sólida herança cultural, advinda das nossas raízes coloniais. A cidade de São Paulo era então caracterizada por um cosmopolitismo marcado pelos tensionamentos advindos da coexistência de diferentes temporalidades, onde conviviam lado a lado nas produções e reproduções da vida cotidiana, o arcaico e o moderno, o novo e o velho, configurando diversos ritmos sociais que imprimiam à cidade uma feição heterogênea.

Em meio a esse panorama, imagens de cunho futurista alinham-se ao longo de inúmeros textos de propaganda de uma São Paulo moderna, propondo equivalências objetivas entre a cidade, a modernidade e uma nova cultura. Numa sobreposição otimista e freqüentemente acrítica, destacam-se as visões da cidade tentacular, da cidade em crescimento, da cidade industrial, da cidade, enfim, moderna, à qual não falta nenhum dos atributos exteriores que definem o processo de modernização acelerado desde o início do século XX (2). Se o Rio de Janeiro era a capital política, São Paulo configura-se nitidamente como a construção, avessa aos velhos cenários e aos velhos costumes do Brasil oitocentista e rural. Assim, a cidade encontra expressão em imagens fortemente conotadas com a modernidade, com seus ritmos, com sua efervescência, constituindo uma visão prospectiva.

Em consonância com o projeto de construção da modernidade paulista pelas suas elites intelectuais e sua emergente burguesia industrial está o nascimento de instituições culturais - o TBC – Teatro Brasileiro de Comédia, o Museu de Arte Moderna e a Cia Cinematográfica Vera Cruz - que materializam essa concepção de cultura cosmopolita e urbana que correspondia à representação da sociedade paulistana. Nesse contexto, a Vera Cruz aparece como a grande promessa de um novo cinema nacional, que deveria obedecer a lógica da indústria cinematográfica hollywoodiana, exprimindo através da qualidade técnica de seus filmes a prosperidade das novas tecnologias de lazer, propiciando assim, o abandono do atraso tecnológico e artístico que marcava até então as produções nacionais e inaugurando uma nova fase na produção cinematográfica: a realização de um cinema "sério".

Nesse sentido, a Vera Cruz foi o corolário do processo de modernização e marcou uma nova fase de realizações do cinema nacional, forjada no seio do projeto estético-cultural hegemônico da burguesia industrial paulistana, reunindo todos os precedentes para a confecção de um "bom cinema": era moderna e equipada com as últimas novidades tecnológicas, possuía um quadro de funcionários e colaboradores estrangeiros e experientes, era dotada de um rigor técnico nunca visto antes; possuía um star-system nacional nos moldes de Hollywood, contava ainda com distribuidoras norte-americanas – a Colúmbia e a Universal -, com a colaboração de escritores renomados para a confecção de seus roteiros, que eram compostos por histórias de temas nobres e melodramáticos que tão bem caracterizava as produções hollywoodianas desde Griffith; além de

uma diversificação de gêneros que incluía desde dramas, adaptações literárias, musicais e documentários.

As produções assinadas pela Vera Cruz marchavam em direção diametralmente oposta às realizadas na época pela Atlântida; enquanto esta era baseada nas chanchadas carnavalescas, desenvolvia temas como o samba, o futebol e as favelas, fundadas em argumentos popularescos, produzia filmes de consumo fácil e de baixo orçamento que deslindava uma "cultura menor" aos olhos da elite paulistana, oferecendo um Brasil mulato que não correspondia às aspirações estéticas dessa elite; aquela se esforçava em produzir um cinema "sério", caracterizado por um rigor técnico e baseado nos dramas pequeno-burgueses que tão bem caracterizou o surgimento do melodrama na narrativa cinematográfica.

Porém, a inviabilidade do empreendimento comercial – apesar do sucesso artístico e de público – põe a Vera Cruz a mercê do governo, sendo ela a primeira vítima da gestão do Estado nos negócios do cinema. O mercado cinematográfico mostrou a impossibilidade de sobreviver numa estrutura que não remunera, na devida proporção, a produção. A lógica da divisão da receita era a mais perversa possível, pois destinava cerca de cinquenta por cento aos exibidores, que nada investiam na produção, enquanto a outra metade era dividida entre o distribuidor – aproximadamente quinze por cento- e o produtor, no caso a Vera Cruz, ficava apenas com o valor que lhe cobria as despesas.

Apesar do fracasso comercial a Vera Cruz provou que o cinema brasileiro podia conquistar o público interno, comprovando seu sucesso através das bilheteiras, que a cada nova estréia traduzia a eficiência dos investimentos em publicidade e lançamentos. O reconhecimento dessa produção se deu tanto em âmbito internacional, com a premiação de vários filmes da Vera Cruz em renomados festivais internacionais como o de Cannes (O Cangaceiro em 1953), o Leão de Bronze em Veneza, o Urso de Prata em Berlim, a láurea do OCIC em Punta del Este e em Havana (Sinhá Moça em 1953), quanto no nacional, com os prêmios Saci e do Governo do Estado, que reconheciam em suas produções um cinema respeitável e de qualidade, impresso pelo primor técnico e constituído pela narrativa melodramática.

A herança que a Vera Cruz nos deixou pode ser encontrada ainda hoje, após cinquenta anos, no celebrado cinema publicitário paulista, praticamente fundado pelos técnicos estrangeiros trazidos para compor o quadro de funcionários da Cia, formados no ideal do rigor tecnológico fomentado pelos seus modernos laboratórios. Além disso a Vera Cruz propiciou o aparecimento de uma geração de cineastas importantes para o país, destacando-se aí entre outros Lima Barreto.

Foi também mérito da Vera Cruz a criação do que podemos chamar de um novo gênero cinematográfico, o dos filmes de cangaço, preconizados pelo O Cangaceiro (1953), de Lima Barreto, além da difusão, ainda hoje, no cinema nacional, do imperativo técnico enquanto uma das premissas básicas para a realização, por si só, de um cinema de qualidade, traduzindo o que se chama de "cinema bem feito".

Reverberações dessa concepção chegam até nossos dias em produções mais recentes como O Quatrilho, O que é isso companheiro? ou Central do Brasil que, conformados dentro da estética do imperativo técnico apostam nela como a principal arma para se fazer um cinema de respeito, fazendo uso de todos os ingredientes que compunham a velha fórmula, aliás atualíssima, da Vera Cruz: filmes bem feitos do ponto de vista técnico, utilizando recursos modernos e até certo ponto inovadores, temas que perpassam o universo do melodrama privado, dos problemas pequeno-burgueses e de valores fechados numa consciência universal.

A Vera Cruz deixa então, lugar para se começar uma outra história, onde prosperaria o neo-realismo brasileiro e o sonho de outro cinema, o Novo, que contesta seus valores e a considera conservadora, mas ainda assim a encara como a única grande referência de cinema brasileiro até então.

(1) GALVÃO, Maria Rita Eliezer - Burguesia e Cinema: o caso Vera Cruz. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

(2) FABRIS, Annateresa – O Futurismo Paulista. São Paulo: Perspectiva, 1994.

Principais filmes da Cia Vera Cruz:

Caiçara

Lançamento: 1/11/1950

Direção: Adolfo Celi

Sinhá Moça

Lançamento: 11/5/1953

Direção: Tom Payne

Ângela

Lançamento: 15/8/1951

Direção: Abílio P. de Almeida e Tom Payne

Uma pulga na balança

Lançamento: 15/4/1953

Direção: Luciano Salce

Terra é sempre terra

Lançamento: 4/4/1951

Direção Tom Payne

Família lero-lero

Lançamento: 15/9/1953

Direção: Alberto Pieralise

Sai da frente

Lançamento: 25/6/1952

Direção Abílio Pereira de Almeida

Esquina da Ilusão

Lançamento: 15/7/1953

Direção: Ruggero Jacobbi

Nadando em dinheiro

Lançamento: 27/20/1952

Direção: Abílio Pereira de Almeida

Luz apagada

Lançamento: 2/12/1953

Direção: Carlos Thiré

Tico-tico no fubá
Lançamento: 21/4/1952
Direção: Adolfo Celi

Candinho
Lançamento: 25/1/1954
Direção: Abílio Pereira de Almeida

Veneno
Lançamento: 26/11/1952
Direção: Gianni Pons

Na senda do crime
Lançamento: 24/3/1954
Direção: Flaminio Bollini Cerri

Appassionata
Lançamento: 10/9/1952
Direção: Fernando de Barros

É proibido beijar
Lançamento: 2/6/1954
Direção: Ugo Lombardi

O Cangaceiro
Lançamento: 20/1/1953
Direção: Lima Barreto

Floradas na Serra
Lançamento: 6/10/1954
Direção: Luciano Salce

Os textos publicados em Mnemocine são propriedade de seus autores e podem ser cedidos para fins didático-pedagógicos mediante consulta prévia.

webmaster@mnemocine.com.br

<http://www.mnemocine.com.br>